

Cresce mercado para engenheiro florestal

CRISTIANE BONIN

cristiane@pjournal.com.br

O mercado de créditos de carbono, as mudanças climáticas e a escassez da água abrem três novas frentes de trabalho para o engenheiro florestal. A afirmação faz parte da conclusão do trabalho de iniciação científica feito pelo estudante da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), Alan Ferreira Batista, sob orientação de Getúlio Teixeira Batista, professor e pesquisador da Unita (Universidade de Taubaté-SP). O coordenador do curso de engenharia florestal da escola, Fernando Seixas, confirma e revela que há déficit de profissionais no mercado de trabalho.

Batista é estudante do 4º semestre do curso de engenharia florestal e apresentou o trabalho no primeiro semestre deste ano dentro da disciplina solução de problemas florestais. A possibilidade de o plantio de árvores amenizar problemas climáticos, como o efeito estufa, e também gerar créditos de carbono, além de preservar os cursos d'água, abre vagas no mercado de trabalho para o engenheiro que trabalha especificamente com florestas.

"O momento do novo profissional é o de incorporar ações para mitigar o crescente efeito estufa. A floresta, ao mesmo tempo que é vilã na transformação de carbono durante a noite, em queimadas ou

na oxidação por decomposição, pode ser salvadora ao crescer e fixar o poluente. Hoje temos mecanismos que já estão valorizando o papel da floresta, como o MDL (Mecanismos de Desenvolvimento Limpo) previsto no Protocolo de Kyoto (documento internacional no qual os países signatários se comprometem a diminuir os níveis de poluição)."

O recurso hídrico, aliado também às árvores no sentido das matas ciliares e formação de chuvas, é outra frente que se abre para o engenheiro florestal. "No laboratório de hidrologia florestal (da Esalq), o pessoal trabalha muito com empresas nessa questão da água."

**Esalq
oferece
200 vagas
no curso
por ano**

O estudante lembra que o objetivo do setor privado sempre foi o de aumento de produção de madeira para uso em escala industrial. "Hoje estão enfatizadas as relações das florestas com a água, com clima e manejo de solo. Isso acontece tanto no campo acadêmico, com trabalhos para pesquisadores, como para as empresas, que começam a se interessar, por exemplo, pelo mercado de créditos de carbono."

Para Batista, o olhar sobre a ecologia mudou. "Investiu-se muito em tecnologia para aumentar produção de madeira por meio do melhoramento genético, transporte e colheita. A parte da conservação e preservação tomou corpo na área privada porque o te-



Alan: 'Momento do novo profissional é o de incorporar ações para mitigar o crescente efeito estufa'

ma tem sido mais divulgado", disse. Segundo o pesquisador, a mudança de visão é benéfica para o engenheiro florestal. "Não podemos ter como destino só a produção econômica. É preciso enxergar o social e o ambiental também."

Segundo Seixas, coordenador do curso de engenharia florestal, a paixão pela ecologia é o que move os jovens que procuram a formação. "Temos três grandes áreas na

engenharia florestal: silvicultura e manejo, ecologia aplicada e tecnologia da madeira. A maioria se concentra na silvicultura (estudo das madeiras) pela demanda de mercado encontrada em grandes indústrias. Há um mês, antes de a crise financeira se alastrar, não estávamos conseguindo atender à demanda nessas indústrias." A Esalq abre anualmente 200 vagas para o curso.

Seixas não garante o mesmo

perfil pós-graduação, mas relata que o trabalho do estudante indica um caminho certo. "A partir do momento que o mercado de carbono se consolidar, o engenheiro florestal será imprescindível. Nos últimos anos, no Brasil, houve muito incentivo ao reflorestamento. Foram 600 mil hectares em um ano, sendo que 150 mil hectares foram plantados por pequenos produtores. Nesse processo há demanda

por profissionais tanto por empresas quanto na assistência ao produtor rural", disse Seixas.

Conforme o coordenador da Esalq, nos últimos 15 anos, a graduação em engenharia florestal era procurada majoritariamente por homens. "Hoje, o percentual médio é de 55% de homens e 45% de mulheres. O mix ocorre em função da preocupação geral com a conservação da natureza."